

# VENDENDO QUE NEM... PICOLÉ

O picolé natural se multiplica nos shoppings de Salvador. Ele pode ter ares de México, mas é produzido em Buraquinho, em Lauro de Freitas

07

por CAROLINA COELHO foto RÔMULO PORTELA



## PABLO CIRNE

Helado Monterrey

### TEMPO DE MERCADO

Desde setembro de 2013

### PRIMEIRO PASSO

Adaptação dos sabores e desenvolvimento da marca

### INVESTIMENTO

Mais de R\$3 milhões

### PONTOS DE VENDA

13 em apenas 3 meses

### PRÓXIMA META

Avançar pelo Nordeste

Vendidos em charmosos carretinhos nos shopping centers, os picolés da Helado Monterrey surpreendem o paladar de quem gosta de se refrescar no calor baiano. Com menos de três meses de atividade, a novidade se espalhou por nove pontos de Salvador, além de Lauro de Freitas, Feira de Santana e Aracaju.

Por trás do negócio, estão três primos que enfrentam o desafio de dar conta da produção de 20 mil picolés por dia na fábrica instalada no bairro de Buraquinho. Caio, 25 anos, Bruno, 27, e Pablo Cirne, 31, investiram mais de R\$3 milhões de capital próprio na marca, mas como os pedidos não param, os investimentos também não, e a equipe de funcionários já precisou ser dobrada, de 60 para 120.

Os desapercibidos podem achar que os picolés vêm do México. Afinal de contas, a ideia veio mesmo das famosas frutas congeladas no palito, sem corantes e conservantes, produzidas artesanalmente e vendidas pelo nome de “paletas” nas ruas mexicanas. Os sabores de abricó, pepino e manga com pimenta, habituais por lá e exóticos para cá, foram modificados para receitas de paçoca, morango com leite condensado, nozes e chocolate com brigadeiro, além de outros 21 sabores.

Para garantir a semelhança e a credibilidade do produto, os Cirnes trouxeram ao Brasil um mexicano que desvendou o segredo original da verdadeira paleta mexicana. Após os 18 meses de pesquisa para lançar o produto no mercado, a meta agora é alcançar a produção de 50 mil picolés diários e expandir as vendas pelo Brasil, sem medo de crescer. “Produção é como andar de bicicleta. Primeiro tiramos uma roda, depois outra e quando vemos já estamos andando sozinhos”, assegura Pablo Cirne, que sonha além. “Queremos chegar até a América do Norte e outros países, mas agora estamos focados no Nordeste, que é nossa casa”, diz. [B#]